

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

## **A ORIGEM DOS DOGMAS DE INFERIORIZAÇÃO, OPRESSÃO E EXCLUSÃO DAS MULHERES: UM OLHAR A PARTIR DO PAPEL DA MULHER NO MEDIEVO<sup>1</sup>**

**Carolina Attuati<sup>2</sup>, Daniel Brendow Teixeira Rocha<sup>3</sup>, Fernanda Viero Da Silva<sup>4</sup>, Joice Graciele Nielsson<sup>5</sup>.**

<sup>1</sup> Ensaio teórico realizado com base nos estudos do curso de Direito da UNIJUI.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Graduação em Direito da UNIJUI, carol-attuati@hotmail.com.

<sup>3</sup> Aluno do curso de Graduação em Direito da UNIJUI, danielbrendowrocha@gmail.com.

<sup>4</sup> Aluna do curso de Graduação em Direito da UNIJUI, fefeviero@gmail.com.

<sup>5</sup> Professora Mestre do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da UNIJUI, orientadora, joice.nielsson@unijui.edu.br.

### **Introdução**

A desigualdade de direitos entre homens e mulheres é um problema que faz parte da história da humanidade, e ainda marca profundamente nossa realidade em pleno século XXI. No entanto, sua origem não é recente. Desde as primeiras civilizações é perceptível a construção de visões diferenciadas entre ambos, visões que permitiram ao homem estabelecer uma relação de poder e controle em relação à mulher, o que se reflete já nas primeiras codificações de direitos da história das civilizações, as quais, embora possuindo inúmeras diferenças, compartilhavam um ponto comum: a submissão da mulher e a instituição da sociedade patriarcal.

Dentre toda a caminhada histórica de instituição da desigualdade e da opressão, um dos momentos de maior peculiaridade, no qual tais diferenciações se intensificaram foi a Idade Média, e sua visão do sexo feminino, construída a partir do Cristianismo e dos cânones da Igreja Católica. A doutrina cristã medieval, em que pese sua complexidade, apresenta duas marcas relevantes para nossa análise: o repúdio ao corpo, e a vinculação da mulher ao mal e ao desregramento sexual. A partir destes dois eixos fundamentais, instituíram-se vários dogmas que justificavam a opressão, a violência, a discriminação, a tortura e a morte de mulheres, e de uma ampla gama de minorias.

Infelizmente, muitos dos dogmas, mitos e lendas construídos pela doutrina católica no medievo continuam vigendo e regulando a vida em sociedade em pleno século XXI: o corpo e a sexualidade feminina continuam sendo um tabu; o prazer, principalmente feminino ainda é passível de culpabilidade, e as mulheres, em que pese os avanços, em muitos casos ainda continuam tendo vidas destinadas ao casamento e à maternidade, como "destinos naturais" de sua existência. A partir dessa discussão, o objetivo deste estudo é empreender um olhar histórico ao medievo, a fim de compreender como se deu a consolidação do processo de inferiorização da mulher a partir da doutrina da cristandade medieval, e assim, poder contribuir para a compreensão e a desconstrução de tais dogmas nos dias atuais. Dessa forma, temos como objetivo trazer a discussão sobre as origens dessa desigualdade existente acerca dos direitos das mulheres e da visão da sociedade diante delas, mostrando que um problema tão atual, mesmo tendo evoluído muito ao longo das últimas décadas, tem suas raízes em uma época muito distante da nossa.

### **Metodologia**

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

Por tratar-se de uma pesquisa embasada na história, será utilizado como forma de pesquisa o modelo de pesquisa bibliográfica. A partir de discussões acerca da problemática central apresentada, exploraremos materiais diversos publicados em livros e artigos científicos como fontes de pesquisa. Pela relevância material em relação aos assuntos a serem abordados, dois livros em especial serão utilizados. O livro "A Idade Média e nascimento do Estado moderno: aspectos históricos e teóricos", de autoria de Gilmar Antonio Bedin, será utilizado como base para a contextualização histórica do tema escolhido. E o livro "Sexo Desvio e Danação", escrito por Jeffrey Richards, será abordado como base de pesquisa para o pensamento medieval em relação ao papel da mulher na sociedade.

Paralelamente, serão explorados artigos publicados em revistas como materiais complementares, para que possamos cumprir com nosso objetivo de relacionar a desigualdade do sexo feminino na sociedade atual com a visão predominante em relação a elas no período do medievo.

Os Direitos das Mulheres vistos a partir da Idade Média

A Idade Média, segundo Bedin (2008), pode ser compreendida pelo período de aproximadamente mil anos, situados entre a Antiguidade clássica e o Renascimento, ou seja, entre os séculos V e XV. Estende-se do deslocamento do Império Romano do Ocidente, em fins do século V, até o aparecimento das primeiras configurações do Estado Moderno, no século XV. Esta formação histórica, segundo Corrêa (2010) costuma ser dividida em três períodos: Alta Idade Média (entre os séculos V e X), Idade Média Clássica ou Plena (entre os séculos XII e XIII) e Baixa Idade Média (entre os séculos XIV e XV).

Este período é marcado, principalmente pela presença constante do medo, que se constitui em elemento fundamental neste processo, afirma Richards (1993). As pessoas do período medieval viviam num mundo de medo: medo de impostos, doença, guerra, fome, da morte, do pecado, do castigo, do inferno. Era, segundo o autor, uma sociedade que acreditava no sobrenatural, no poder das forças das trevas e na ação de Satã e de seus demônios no mundo. Acreditava também na bruxaria, que era uma explicação conveniente tanto para as catástrofes naturais súbitas (fome, epidemias, tempestades, enchentes, destruição de safras e animais) quanto para problemas familiares recorrentes, tais como a impotência, infertilidade, crianças natimortos e mortalidade infantil.

Neste cenário, Santos e Lucas (2015) também referem como inevitável a referência à própria figura de Deus, centro imaginário e simbólico da cultura medieval, enquanto um ente pessoalizado, e paralelamente, do lado oposto, como o próprio nome sugere, os opositores, o Diabo e seus seguidores, os hereges, as bruxas, os alquimistas, os cientistas que negavam as teorias teocêntricas, os protestantes, em suma, todos os que divergiam de um sistema de verdade - e de poder - oficializado pela Igreja Católica. O que prevalece, portanto, é o poder tido pelo cristianismo e sua Igreja Católica, aquela que, após o declínio do Império Romano recebeu a herança espiritual e política de Roma, e que foi tida como o lugar do mundo terreno onde o próprio Deus se manifestava. De acordo com Richards (1993, p. 18), "a tônica da Idade das Trevas era a obediência e a fé inquestionáveis na autoridade".

A partir de tal organização, a Igreja passou a influenciar cada vez mais o comportamento das pessoas no campo da moral, dos relacionamentos interpessoais, da vida familiar e da forma de pensar e vestir. Para tanto, o grande empreendimento da Igreja foi o estabelecimento de sua teologia

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

moral, que servisse de sustentação à sua autoridade, facilitada em muito pelo fato de que os monges eram os únicos letrados em um mundo onde nem os servos nem os nobres sabem ler. E foram, sem dúvida, Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1226-1274) que melhor expressaram a filosofia moral cristã da Idade Média (BEDIN, 2008).

Pode-se dizer, portanto, que a fé era uma forma de apego para a sociedade, que precisava de algo para acreditar e se basear em busca da salvação. "A doutrina cristã tornou-se a referência central e deu ao homem medieval um horizonte de sentido comum: participar do grande drama da salvação da humanidade." (BEDIN, 2008, p.25). As famílias eram patriarcais e o papel da mulher limitado a tarefas do âmbito privado. "Esta visão da inferioridade da mulher era uniformemente divulgada nos tratados teológicos, médicos e científicos e ninguém a questionava" (RICHARDS, 1993 p.36).

A fim de alcançar seu domínio sobre a vida do povo do medievo, um elemento passou a ocupar, segundo Richards (1993, p. 30), um lugar central, o corpo, o sexo e a sexualidade: "a sexualidade humana fora de controle desafia as normas estabelecidas". Neste sentido, grande parte da filosofia moral da Igreja Católica se voltou a influenciar a moral cristã quanto à atitude a ter-se com o sexo, o corpo, o prazer, na tentativa de eliminação de todas as ameaças para o verdadeiro eu cristão, saudável e heterossexual, como afirmam Le Goff e Truong (2006) e Richards (1993). Os teólogos sempre souberam que quem domina o corpo de uma pessoa, domina toda essa pessoa; é por isso que por séculos a fio pregaram que a maior virtude é a obediência e o maior pecado é o pecado sexual/corporal e, portanto, o controle e a uniformização sexual passaram a ser o seu grande objetivo.

É neste cenário que começa a se aprofundar o já longo processo de justificação da opressão da mulher, e de controle de seu corpo e de sua sexualidade. Partindo da história antiga, já podemos observar a coisificação da mulher nos códigos das antigas civilizações. Esses saberes concretizaram uma ideologia ao longo dos séculos que culminou na imagem do feminino como um ser inferior e submisso. Na Idade Média cristã, tal preceito parte inicialmente da história de Adão e Eva pregada pela igreja para explicar a origem do mundo. Segundo a igreja, a Eva teria sido a responsável pela perda do paraíso, pois com seu instinto pecador ela não conseguiu resistir a tentação, culminando na expulsão de Adão também. Desta forma ela foi culpada por todos os males da sociedade sendo assim necessário submeter à mulher medieval a tutela masculina.

Segundo a lei eclesiástica as mulheres não poderiam ter acesso a nenhum cargo público e deveriam se dedicar apenas as suas ocupações domésticas. Isso se deriva de uma cultura misógina instituída no fim da Idade Média, proveniente da descendência das mulheres de Eva, símbolo do pecado e da tentação. "A sexualidade, segundo os ensinamentos cristãos, era dada às pessoas exclusivamente para os objetivos de reprodução e por nenhum outro motivo [...] O celibato era o ideal mais elevado, a forma mais desejável de vida e os teólogos medievais enfatizavam que era um pecado mortal fazer amor com a esposa por mero prazer." (RICHARDS, 1993 p.34).

Desta forma, os teólogos instituem o sexo como uma obrigação, impedindo que a esposa reivindicasse seu corpo como de sua propriedade, pois pertencia ao marido. O casamento neste contexto histórico era uma questão meramente comercial e até política, mas não envolvia o amor em seu sentido primário, sendo o último um "extra opcional". A opressão das famílias também é um fator relevante nesse sentido, que desempenhava papel importante no firmamento dos casamentos. São Bernardino de Siena (1380-1444) afirmou que entre marido e mulher deveria haver a amizade mais singular do mundo, iniciando uma ideia de compaixão dos maridos com suas esposas. Ele

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

concretizava seus ideais na noção de que Eva havia sido feita para ser a companheira de Adão, logo eles "eram iguais em espírito, mas na carne o homem era superior à esposa, e ela deveria obedecê-lo." (RICHARDS, 1993 p.37).

Obviamente, se a finalidade do sexo era a procriação, a contracepção era considerada uma falta mortal. Os teólogos, afirma Richards (1993), consideravam o controle da natalidade como um pecado grave, e nesta, como em tantas outras áreas, os ensinamentos de Agostinho modelaram o pensamento medieval. Ele havia definido o casamento como existindo em função da "prole, fidelidade e estabilidade simbólica" (apud RICHARDS, 1993, p. 43), e a interferência no aspecto procriativo do sexo matrimonial não poderia, portanto, ser nada mais do que pecado. A atitude de Agostinho foi transposta diretamente para a lei canônica e também diretamente para a teologia; e o controle do corpo, principalmente do corpo feminino tornava-se cada vez mais duro e cruel.

Desta forma, o controle de natalidade e quaisquer outros métodos contraceptivos eram considerados um pecado grave, assim como o aborto, consolidando efetivamente a ideia de casamento consolidada nos preceitos de prole, fidelidade e estabilidade simbólica. O adultério era mais repudiado quando cometido pela mulher, pois todos acreditavam que a mulher era mais inclinada a luxúria e aos efetivos exageros sexuais, ao contrário do homem. E no caso de violências no âmbito sexual, as mulheres vítimas, por muitas vezes perdiam a possibilidade de sequer se casar em função do acontecimento. A igreja associava facilmente o sexo ilícito ao diabo e sua legião e o sexo feminino como embaixador desde pecado capital (SOUZA, 2004).

Em todo o período, o papel da mulher permaneceu subordinado. Quando Graciano escreveu "A mulher não tem poder, mas em tudo ela está sujeita ao controle de seu marido", (apud RICHARDS, 1993, p. 36) estava meramente expressando uma das crenças universalmente aceitas na Idade Média, e uniformemente divulgada nos tratados teológicos, médicos e científicos da época, a inferioridade inerente e insuperável das mulheres. A mulher era filha e herdeira de Eva, a fonte do pecado original e um instrumento do Diabo, há um só tempo inferior e diabólica, sintetiza Richards (1993).

Em qualquer cenário, o mundo da mulher medieval era o mundo privado, e seu destino era a submissão, como já afirmava Beauvoir (1970, p. 120), "É essa tradição que se perpetua durante a Idade Média. A mulher acha-se na absoluta dependência do pai e do marido". A autora segue afirmando (1980, p. 126), "Celibataria, ela permanece sob a tutela do pai; se não se casa, êle encerra-a, em geral, num convento. Se tem filho sem ser casada, autoriza-se a investigação da paternidade, mas esta não dá direito senão às despesas do parto e alimentos para a criança; casada, submete-se à autoridade do marido: êle fixa o domicílio, dirige a vida do casal, repudia a mulher em caso de adultério, encerra-a em um convento ou posteriormente obtém uma ordem de prisão para enviá-la à Bastilha; nenhum ato é válido sem sua habilitação".

Tudo isso, em muito se deve à tentativa da Igreja de eliminar as crenças pagãs. Se compararmos rapidamente os ideais pagãos e cristãos, veremos que os primeiros divinizavam a ideia de mulher como forma de deusas que por muitas vezes representavam divindades que iam da beleza à fertilidade. A igreja cristã entrando em desacordo com essa ideia, associa rapidamente o ideal concretizado por virgem maria, emplacando as demais mulheres como responsáveis pela desgraça dos homens.

Não podemos deixar de citar em nossos estudos e trazer aqui presente neste breve resumo a questão da bruxaria no medievo, período onde as pessoas de fato viviam em um mundo "de medo". Neste

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

período se consolidava uma sociedade que acreditava na força da bruxaria e a alinhava justamente com o poder "das trevas, do obscuro e do negro" e muitas catástrofes eram de imediato associados a ela. Não podemos esquecer que estamos tratando de um período no qual as doenças (na maioria das vezes fatais como a peste negra) eram rapidamente proliferadas e dizimavam grande parte da população (SOUZA, 2004).

Muitos autores identificavam a bruxaria como um impulso sexual que advinham do desejo carnal das mulheres, sendo elas as mais prováveis praticante por serem naturalmente dissimuladas o suficiente para concretizar um pacto com o diabo.

Certas mudanças ocorreram na Europa entre os séculos XVI e XVII permitindo que "as visões sobre a mulher comecem a se modificar ainda que muito lentamente"(VASCONCELOS, 2005 p.03). Para os filósofos e intelectuais e reformistas religiosos surge o debate sobre a alfabetização das mulheres, compartilhando a ideia de que seus defeitos são decorrentes de sua baixa instrução. Não podemos esquecer que até esse ponto da história grande parte das produções literárias eram advindas dos homens.

A partir da idade moderna grandes mudanças significantes ocorrem, porem com lentidão sendo que muito depois foram concretizadas do modo o qual as conhecemos, mas isso seria o suficiente? Nossa sociedade poderia ser considerada atualmente e de acordo com nossos sistemas legais igualitária?

Gostaríamos de trazer à tona essas reflexões, juntamente com o entendimento do grupo de que certas ideologias que fazem parte do nosso cotidiano ainda são de certa forma arcaicas e herdadas desde período e que vários tabus comportamentais e sexuais ainda não foram superados. Vários saberes míticos ainda fazem parte de nossa rotina trazendo à tona novamente questões que há muito tempo deveriam ter sido ultrapassadas.

Mais do que nunca precisamos mudar a mentalidade da nossa sociedade e através da educação garantir que as nossas próximas gerações sejam capazes de disseminar uma cultura de igualdade e respeito entre gêneros. Desta forma pretendemos através deste ensaio teórico elencar reflexões sobre nossa atual sociedade e muitos de nossos preceitos medievais.

### Conclusão

Em suma, a realização desse trabalho nos possibilitou realizar um mergulho histórico, trazendo ao público uma referência histórica para analisarmos o que nossa cultura e nossos preceitos herdaram na essência desse período. A idade média fora um período em que pudemos analisar o ápice de toda a origem do conceito de "demonização" feminina, o surgimento da efetiva misoginia, a agregação de conceitos da origem da mulher e seu dever de submissão.

Na Idade Média, tais questões ganharam uma dimensão nunca imaginada, tornando-se esta, mais que qualquer outra, a matriz de nosso presente. Muitas de nossas mentalidades e comportamentos foram concebidas neste período, principalmente aquelas relativas ao corpo, à sexualidade, e ao gênero, uma vez que, segundo Le Goff (2006, p. 18) é neste período que se instala um elemento fundamental de nossa identidade coletiva, o cristianismo, e começam a serem construídos seus dogmas.

A apesar da distância que nos separa dela, e do despertar das trevas medievais, representado pela modernidade, pode-se verificar que as teorizações medievais sobre questões de gênero continuam

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XXI Jornada de Pesquisa

ainda servindo como matriz de nosso presente ocidental cristão, representando, portanto, uma carga filosófica tão profunda que nem mesmo mais de quinze séculos foram capazes de dissipar.

A clareza desse trabalho, dentro de toda a cautela necessária para esse assunto tão importante, é necessária para fazer um alcance maior do público que irá acompanhá-lo de perto, principalmente para realizarem uma reflexão a respeito dos pontos estudados que serão abordados. Por fim, o que nos motivou a realização do mesmo foi toda a movimentação em prol do empoderamento feminino que hoje há no mundo. Em torno de tantos transtornos que as mulheres até hoje vivem, uma exigência maior para um estudo a respeito desse assunto se faz necessário.

#### Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEDIN, Gilmar Antonio. A Idade Média e nascimento do Estado moderno: aspectos históricos e teóricos. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, 144 p.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. Uma histórica do corpo na Idade Média. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. Textos de História, v.5, nº1, p. 82-91, 1997.

RICHARDS, Jeffrey. Sexo Desvio e Danação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SANTOS, André Leonardo Copetti; LUCAS, Doglas Cesar. A (In)diferença no direito. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2015.

SOUSA, Itamar. A Mulher na Idade Média. Revista FARN, Natal, v.3, n.1/2, p. 159 - 173, jul. 2003/jun. 2004.